

As posições no mundo são provas ou prêmios, expiações ou experiências.

Todos possuímos créditos e todos estamos endividados, segundo as qualidades enobrecedoras e as imperfeições deprimentes, suscetíveis de serem analisadas em nossa conta pessoal.

Além do sepulcro, onde o denso veículo abandonado é simples resíduo da alma imperecível, outras organizações associativas se levantam, na sua quais a entidade humana, quando ajustada à lei natural do progresso, encontra clima propício às suas aspirações de amor e às suas necessidades de estudo.

Lares de luz, ninhos abençoados de união, aguardam aqueles que se estimam e se congregam nos mesmos laços afins.

A face planetária é um todo imenso onde selvas, oceanos e desertos guardam alguns núcleos de inteligência humana civilizada, comparativamente reduzidos ante a amplitude do solo. Assim, a região que denominamos "espaço", nas vizinhanças do mundo, é um conjunto de natureza viva, acolhendo colônias de ação evolutiva, círculos de trabalho regenerador e cidades esplêndidas, onde o espírito da boa vontade e da ciência encontra largos horizontes à alegria e à pesquisa, no aprimoramento e no progresso.

Quanto mais sublimada a consciência e o coração, mais luz divina a criatura poderá refletir.

Ante o irmão, que parte na direção da experiência que nos seja desconhecida, façamos, pois, silêncio, quando não seja possível auxiliá-lo com expressões de estímulo, na certeza de que a vida é infinita e de que nossa alma é imortal.

DO ALÉM

LUÍS GAMA

Indubitavelmente, a morte do corpo é uma caixa de surpresas, que nem sempre são as mais agradáveis à nossa formação.

O homem vaidoso presume-se o centro de todas as atenções em seu quadro social, mas horas rápidas da carne, e chega a se julgar herói, com direito ao respeito de todos, por força de algum serviço que lhe haja afixado o nome nas galerias da evidência; mas o ciclone da realidade sopra, impetuoso, e dà por terra com esse ídolo de pés de barro, que fragorosamente se abate do altar a que se elevou.

Desce a alma à espessa corrente do Estige humano, sorvendo o licor do esquecimento, enquanto as células físicas lhe reclamam cuidado; e, retomando lugar nas antigas fileiras de quantos se debatem no rio da ilusão, procura, com sede, o néctar da fantasia, que lhe confere simplesmente o sonho louco de transitório domínio.

Sempre a velha história do ambiõe no país dos cegos. Enxergando imperfeitamente aquilo que os demais estão impossibilitados de ver, exorna a cabeça com a láurea de uma soberania ridícula, pois que, em verdade, mais cedo que supõe, é compelido a renovar os órgãos visuais para a contemplação mais justa da vida.

Antigamente, combatímos o cativoiro e brandímos o tacape da nossa indignação contra a megalomania escravagista. Usávamos a lâmina da

palavra e fomentávamos o espírito revolucionário contra a displicência dos senhores rurais que mantinham na América o feudalismo da crueldade, pretendendo encontrar neles, com o nosso requinte de sarcasmo, os monstros infernais do chicote e da senzala, que a aristocracia do dinheiro e do poder metamorfoseava em sorridentes barões. E, ainda hoje, admitimos que não incorriamos em erro, surzindo-lhes o costado com o látigo da frase cética, semelhante ao cáustico que o médico, por zelo profissional, aplica numa chaga viva; entretanto, se o nosso concurso valeu, indiscutivelmente, para libertar milhares de companheiros asfixiados no tronco da humilhação ou enclausurados no quilombo da angústia, livrando-os da perseguição sistemática de capatazes impiedosos, em despertando além da morte reconhecemo-nos na situação de miseráveis escravos de nossas próprias paixões. Nós, que havíamos advogado a causa da abolição, que subíramos à tribuna para estigmatizar a maldade dos poderosos, que choráramos, expondo em público a miséria dos mais infelizes, acordávamos, por nossa vez, sob pesados grillhões.

Onde o maior grau de inconsciência? No homem que, por ignorância, procura aproveitar os braços de seu irmão para favorecer o próprio interesse, ou naquele que, embora integrado no pleno conhecimento das suas responsabilidades, se rende à tirania dos impulsos inferiores, que lhe aniquilam a vida?

Se eu pudesse voltar ao mundo, sem hesitação retomaria meus velhos sonhos de liberdade, mas não deixaria de observar os princípios enobrecedores na luta prática.

Quem não faz quanto ensina nos arraiais do bem, pode ser um sonhador, benéfico para os outros, mas infinitamente perigoso para si mesmo.

Aqui, encontrei muitos ricos que se aproveitaram de minha palavra para a reconciliação com

a própria consciência, e que me estenderam fraternas mãos para meu reerguimento.

Eu era o clínico enfermo, que os doentes melhorados ou restaurados vinham auxiliar.

O homem, cuja inteligência superara o ambiente em que nasceu, cuja língua dominava multidões e que esvirmara as úlceras sociais do seu tempo, vivera distanciado de si mesmo, sem coragem de aplicar aos próprios sentimentos o cautério que prescrevia à alheia conduta.

A morte, porém, é processo revelador de caracteres e corações, e hoje comprehendo que, se noutro tempo era necessário delirar a nódoa da escravidão nas órbitas exteriores da vida, reconheço também que o cativeiro das paixões, no mundo interno, é o domínio das trevas sobre nós, exigindo-nos enorme capacidade de renúncia para derrribá-lo, com vistas ao reassentamento dos princípios que nos sustentam o ser em função do Supremo Bem.

Agora, observo, com mais clareza, a missão do Divino Libertador.

Jesus, naturalmente, não encabeçou qualquer movimento de extinção da escravocracia de seu tempo, não porque abonasse a indébita apropriação do trabalho de muitos por alguns, mas pela extrema compaixão, que muito mais a merecem dominadores do que servos.

Aos seus olhos compassivos, aquele que repousava molemente sobre as almofadas do poder se lhe afigurava mais digno de piedade que o infortunado cativeiro, desfeito em copioso suor. Os mais infelizes não se encontravam nos serviços pesados do ministstrar-se a alimentação, a higiene ou o ensino, mas na glória vazia dos titulares e dos libertos, impando de autoridade e de ouro, sem recursos, no entanto, para o desenvolvimento espiritual, encastelados na fortaleza da ilusão e da ignorância que a situação lhes impunha ou que os privilégios lhes outorgavam.

Escravidão! Escravidão! Quantos contrastes

surpreendentes encerras! Não raro, o homem que se vale dos semelhantes para fins inconfessáveis, simplesmente estaciona, desditoso, na estrada, para favorecer o engrandecimento íntimo dos que o servem, quando não se impõe sobre os demais, arrojando-se, então, ao despenhadeiro da miserabilidade.

O progresso pede ação, luta e sacrifício.

Muitas vezes, quando supomos subir entre os homens, estamos descendo perante as leis que nos regem; ao passo que muita gente, considerada verme rastejante nos últimos degraus da torre social do mundo, está realmente em sublime processo de elevação e aperfeiçoamento.

Do Mestre imperecível profetizou Isaías:

— "Nascerá como arbusto verde em terreno estéril... Viverá na secura do chão árido, sem graça nem beleza... Asfixiado de ignominias, caminhará sob o desprezo dos homens. Assediado pelo sarcasmo do povo, não merecerá consideração!... E' que Ele suportará o fardo imenso de nossas culpas, avocando a si os nossos padecimentos. Muitos enxergarão n'Ele um homem desditoso, dobrado ao peso da cólera de Deus, mas os nossos próprios delitos é que serão úlceras dolorosas a atormentá-lo... Todavia, em suas chagas encontraremos a nossa redenção. Somos o rebanho disperso no mundo e, para congregar-nos no caminho reto, sofrerá Ele o peso de nossas iniquidades... Amar-gurado e ferido, não desferirá o mais leve queixume, deixando-se conduzir qual cordeiro ao sacrifício. A sua morte passará como sendo a de um malfeitor, mas, desde o momento em que oferecer a sua vida por amor a todos, verá surgir numerosa descendência e os interesses divinos encontrarão milagrosa prosperidade em suas mãos!..."

O maior apostolado que o mundo conheceu foi realizado no cativeiro do serviço e da renúncia, com amor e com alegria.

Sirva-nos, deste modo, a Divina Lígio.

POEMA DE MAE

ANÁLIA FRANCO

Meu Filhinho:

O santuário de minha alma acendeu todas as lâmpadas de que dispunha e adornou-se com todas as flores do jardim de minhas longas esperanças para receber-te.

Cada frase tua possui uma vibração diferente e sublime para o meu organismo espiritual e, por isto, utilizo-me hoje da vida, adaptando-me ao teu país interior, guardando a alegria e a obediência da Terra, que se move ao redor do Sol para melhor reter-lhe os divinos raios.

*

Antes que pousasses em meu colo, os dias eram para mim a expectativa torturante e secular em sombria furna; entretanto, quando me beijaste pela primeira vez, tudo o que era obscuro e monstruoso banhou-se de inesperada luz.

Fontes ocultas se desataram cantando, e cas-
lhos que feriam mostraram gemas celestiais...

O pesado orvalho das lágrimas converteu-se em chuva de bênçãos, precipitando-se na terra se-
quiosa e fecundando divinas sementes de amor e
eternidade...

Prelibel, desde então, a glória da vida, nos
deliciosos segredos que a envolvem.

*